

---

**Jorge Pedro Sousa e Patrícia Teixeira**

**Belas páginas esquecidas da história do jornalismo português: as três primeiras gerações de revistas ilustradas e a vulgarização da informação iconográfica na imprensa portuguesa (1835-1935)**

---

**Belas páginas esquecidas da história do jornalismo português: as três primeiras gerações de revistas ilustradas e a vulgarização da informação iconográfica na imprensa portuguesa (1835-1935)**

**Beautiful forgotten pages of the history of Portuguese journalism: the first three generations of illustrated magazines and the popularization of iconographic information in the Portuguese press (1835-1935)**

Jorge Pedro Sousa (Universidade Fernando Pessoa e CIC Digital)

[jpsousa@ufp.edu.pt](mailto:jpsousa@ufp.edu.pt)

Patrícia Oliveira Teixeira (CIC Digital)

[patriciaoliveirateixeira@gmail.com](mailto:patriciaoliveirateixeira@gmail.com)

**Resumo**

Surgidas, em Portugal, em 1835, as revistas ilustradas foram pioneiras na junção de informação iconográfica à palavra escrita. Ao permitirem “ver” um mundo em transformação, elas tornaram-se um meio de comunicação distinto. Mesmo em Portugal, um país então caracterizado pelo analfabetismo, alguns títulos tiveram tiragens de milhares de exemplares. Este estudo apresenta os resultados preliminares de uma investigação pioneira e original, alicerçada em pesquisa documental, sobre a origem e desenvolvimento das revistas ilustradas em Portugal. Os dados obtidos confirmam a hipótese de que em Portugal houve três gerações de revistas ilustradas entre 1835 e 1935, podendo dizer-se que o país acompanhou os estádios de desenvolvimento que estas revistas tiveram nos principais países europeus: (1) uma primeira geração, de carácter enciclopédico; (2) uma geração de transição, caracterizada pela incorporação de informação iconográfica sobre acontecimentos da atualidade, logo na década de 1840; e (3) uma terceira geração, cuja identidade radicou na explosão da cobertura gráfica dos acontecimentos da atualidade, por meio de xilogravuras, primeiro, e de fotografias, depois.

**Palavras-chave:** Portugal; revistas ilustradas; história do jornalismo; informação gráfica; gravuras de madeira.

### **Abstract**

Appeared, in Portugal, in 1835, the illustrated magazines had been pioneering in the junction of iconographic information to the written word. They had allowed "to see" a world in transformation and had become a distinct media. Even in Portugal, a country characterized by the illiteracy, some headings had had drawings of thousand of units. This study presents the preliminary results of a pioneering and original inquiry, made with resource to documentary research, about the origin and development of the illustrated magazine in Portugal. The results confirm the hypothesis of that Portugal had three generations of illustrated magazines between 1835 and 1935, and the country folloied the development stadiums that these magazines had had in the main European countries: (1) a first generation, with publications very similares to encyclopedias; (2) a generation of transistion, characterized for the incorporation of iconographic information about events of the present time, in the decade of 1840; e (3) one third generation, whose identity consolidated in the explosion of the graphical covering of the events of the present time, through "xilogravuras", first, and photographs, later.

**Key words:** Portugal; illustrated magazines; journalism history; graphic information; wood engraving.

### **Introdução**

Na alvorada do século XIX, as revistas foram pioneiras na incorporação de iconografia à informação pela palavra escrita. Surgiu um novo segmento de imprensa: as revistas ilustradas. O jornalismo apercebeu-se cedo da importância informativa, explicativa e até simplesmente ilustrativa da imagem. A imprensa ilustrada permitia "ver" um mundo em violenta transformação. Mas a mirada sobre a realidade proporcionada pela incorporação da ilustração na imprensa era problemática: "quem vivia no tempo da rainha Vitória estava fascinado pelo ato de ver, pela questão da confiabilidade (...) no olho humano e pelos problemas da interpretação do que se via" (Flint, 2000: 1).

Parte do êxito alcançado pelas revistas ilustradas ter-se-á devido ao facto de darem um aspeto lúdico à informação, que se contrapunha à seriedade autoritária do texto formal dos artigos (Martin, 2006: 47), tendo-se tornado um dos meios de comunicação mais influentes do seu tempo, providenciando aos artistas-gravadores uma enorme audiência, assinala Hogart (1967: 12).

As ilustrações, elemento distintivo e identitário dessas publicações, contribuíram para a "transformação da imprensa num produto de consumo guiado pela competição" (Martin, 2006: 43) e imprimiram "mensagens específicas na memória dos seus leitores" (Martin, 2006: 47).

Vários fatores terão propiciado o surgimento, em Portugal, desse importante segmento da imprensa constituído pelas revistas ilustradas, como sejam: o exemplo estrangeiro; a introdução dos novos processos de artes gráficas no país; e mesmo o ambiente político, social e económico e os progressos no próprio jornalismo. Os periódicos ilustrados portugueses beneficiaram da liberdade de imprensa e do espírito liberal, sedento de formar cidadãos ilustrados capazes de intervirem politicamente, satisfazendo o princípio constitucional da “soberania da nação”. Esses periódicos passaram a contar-se, pois, entre os principais instrumentos de dinamização e de expansão da esfera pública em Portugal, tendo sido fulcrais para a popularização de novos e “úteis” conhecimentos e para a transmissão de novas ideias, por vezes agitadoras.

Entendia-se que a ilustração não só embelezava o texto, tornando-o mais atrativo, mas também ajudava à sua compreensão, identificando melhor o leitor com o facto descrito. Essa necessidade tornou-se (...) mais evidente com a larga divulgação dos chamados “jornais populares”, para público mais amplo (...). Reconhecia-se, pois, que a imprensa ilustrada de carácter popular permitia mais facilmente transmitir mensagens aos menos letrados (...). (Tengarrinha, 2013: 865-866).

A investigação que aqui se apresenta visou inventariar as mais importantes revistas ilustradas portuguesas (em circulação e longevidade) e agrupá-las em segmentos diacrónicos. Partiu-se da hipótese genérica e agregadora de que a história das revistas ilustradas portuguesas replicou, na periodização e nos modelos, a história e o tipo de discurso da imprensa ilustrada dos países pioneiros neste segmento de imprensa, Inglaterra e França (cf. Bacot, 2005), que, historicamente, são países próximos e influentes em Portugal. Em especial, partiu-se da hipótese, sedimentada em Bacot (2005), de que as revistas ilustradas portuguesas tiveram, tal como as francesas e inglesas, três gerações, entre 1835 e 1935:

1. As revistas enciclopédicas ilustradas, sucessoras dos periódicos culturais e científicos iluministas do século XVIII, tradição iluminista, caracterizadas pelo seu carácter cultural generalista, e que se propunham, mormente por meio de artigos ilustrados e não ilustrados, “derramar conhecimentos” sobre os leitores;
2. Uma segunda geração na qual as revistas, sem abandonarem o seu carácter cultural generalista, se propuseram abordar, também, a atualidade, nomeadamente os acontecimentos da atualidade, por meio de notícias ilustradas, que já apontam para o conceito de jornalismo gráfico;
3. Uma terceira geração, na qual se torna relevante e, muitas vezes, preponderante a cobertura da atualidade, por meio de notícias e reportagens ilustradas com gravuras, primeiro, e, depois, com fotografias, sendo nelas que se começa a desenvolver o fotojornalismo.

Tendo em conta os objetivos delineados para a investigação, a metodologia desta pesquisa articulou duas operações:

1. Construção de um catálogo das principais revistas ilustradas portuguesas (em circulação, longevidade, tiragem ou impacto), a partir de pesquisa hemerográfica e documental executada em bibliotecas e hemerotecas públicas;
2. Identificação dos padrões discursivos de cada revista ilustrada e agrupamento das revistas segundo estes padrões, tendo como propósitos o teste da hipótese (comprovação, ou não, da existência sequencial, em Portugal, de três gerações de revistas ilustradas, nos primeiros cem anos da sua existência).

### **A primeira geração de revistas gráficas portuguesas: as revistas ilustradas enciclopédicas**

A primeira geração de revistas ilustradas portuguesas, tal como ocorreu noutros países (cf. Bacot, 2005), teve uma natureza enciclopédica. O seu carácter genérico e expositivo levou a que muitas delas apelassem, no título, à ideia que as fundamentava, intitulando-se *Panorama*, *Museu*, *Universo*, *Ramalhete*, entre outras denominações. Algumas dentre elas afirmavam-se como periódicos de “instrução” e “recreio”, o que traduz muito bem a sua dupla natureza.

Essas publicações podem conceptualizar-se operativamente (cf. Bacot, 2005; Silva, 2014) como publicações periódicas generalistas, dirigidas a um público vasto e heterogéneo, que produziam e/ou difundiam informações sob a forma de desenho, fotografia e gráficos, dando a estes dispositivos de informação visual uma utilização regular e valorada e não meramente ilustrativa, podendo a superfície concedida aos mesmos ultrapassar o espaço concedido ao texto. As revistas ilustradas enciclopédicas visavam ainda, pedagogicamente, promover conhecimentos gerais sobre assuntos diversos e, normalmente, de interesse intemporal. Foram, igualmente, um palco privilegiado para a literatura, sob a forma de prosa e poesia. A informação visual, nas suas páginas, assumiu, frequentemente, um carácter pedagógico, complementando visualmente os conteúdos – enciclopédicos, literários, curiosidades, anedotas e outras amenidades – que incluíam. Informar visualmente sobre acontecimentos e temas da atualidade raramente constituiu, no entanto, uma preocupação deste tipo de revistas.

Herdeiras do espírito da imprensa enciclopédica, as primeiras revistas ilustradas portuguesas distinguiram-se, segundo Silva (2014) e Tengarrinha (1989; 2013), pela forma como, por meio de texto e de imagens, procuraram, pedagogicamente, formar um público culto capaz de intervir sobre os destinos do país. Nascidas após o triunfo liberal na guerra civil, essas revistas foram um produto simultâneo do liberalismo e do romantismo. Nessa conjuntura, procuraram, conforme a ideologia liberal, contribuir para a democratização da experiência cultural, por meio da constituição de um “museu de imagens” (Ribeiro, 2014: 19) e para a formação de cidadãos aptos a participar nos processos políticos, o que era essencial à sustentação teórica do preceito

constitucional da soberania da nação. Elas aplanaram o caminho para a imprensa ilustrada de atualidades, com a qual, aliás, conviveram ao longo de muitos anos. Foram, igualmente, uma lufada de ar fresco para o jornalismo português num cenário dominado pela imprensa de opinião, frequentemente ligada a partidos e organizações políticas (cf. Tengarrinha, 1989; 2013; Sousa, 2014; Silva, 2014). De algum modo, além da mais-valia trazida pela informação visual, as revistas ilustradas enciclopédicas contribuíram para ampliar o leque do noticiável e diversificar os formatos discursivos de apropriação da realidade pelo jornalismo, isto é, os géneros jornalísticos.



Figura 1 – Observa-se um comportamento discursivo padronizado na primeira geração das revistas ilustradas portuguesas: uma abordagem enciclopédica do mundo com o objetivo de facultar conhecimentos gerais aos leitores. (*O Recreio – Jornal das Famílias*, n.º 5, maio de 1835)

A tabela 1 enumera algumas das principais revistas enciclopédicas ilustradas portuguesas, em termos de tiragem, circulação ou longevidade, inventariadas no decurso da presente investigação. É de realçar que não foi possível extrair das revistas e de outros documentos consultados todos os dados previstos.

Título	Período	Local	Preço (inicial)		Dimen- são (cm)	Pági- nas	Periodici- dade	Ilus- tração
			Exem- plar	Assi- natura anual				
<i>O Recreio: Jornal das</i>	1835- 1842	Lisboa	160	1440	15x22	32	Mensal	Litografia

<i>Famílias</i>								
<i>Biblioteca Familiar e Recreativa Oferecida à Mocidade Portuguesa</i>	1835-1846	Lisboa	80	1920	9,5x14,4	24 (depois 16)	Quinzenal	Litografia
<i>Jornal Enciclopédico</i>	1836-1837	Lisboa	20	?	15x23,1	24	Mensal	Litografia
<i>O Museu</i>	1836-1838	Lisboa	?	?	18,9x25,1	16	Irregular	Gravura
<i>O Arquivo Popular: Semanário Pitoresco</i>	1837-1843	Lisboa	20	960	19,5x26,2	8	Semanal	Gravura
<i>O Panorama: Jornal Literário e Instrutivo</i>	1837-1868	Lisboa	30	1200	18,5x27	8	Semanal	Gravura
<i>O Ramalhete: Jornal d'Instrução e Recreio</i>	1837-1844	Lisboa	50	3120	18,5x25,5	16	Semanal	Litografia
<i>O Recreativo: Jornal Semanário</i>	1838-1838	Lisboa	20	960	18,5x25,5	8	Semanal	Gravura
<i>Revista Literária: Periódico de Literatura, Filosofia, Viagens, Ciências e Belas-Artes</i>	1838-1844	Porto	?	?	12,8x20	8	Quinzenal	Litografia
<i>Museu Portuense: Jornal de História, Artes, Ciências</i>	1838-1839	Porto	60	1200	18,3x28	16	Semanal	Gravura

<i>Industriais e Belas Letras</i>								
<i>O Mosaico: Jornal d'Instrução e Recreio</i>	1839-1841	Lisboa	40	1920	18,5x25,5	8	Semanal	Litografia
<i>Universo Pitoresco: Jornal d'Instrução e Recreio</i>	1839-1844	?	?	?	19x24	16	?	Litografia
<i>Museu Pitoresco: Jornal d'Instrução e Recreio</i>	1842-1843	?	320	4800	28x39,5	8	?	Litografia
<i>O Instrutor Portuense: Periódico Mensal</i>	1844-1845	Porto	?	?	13x20	16	Mensal	Litografia
<i>Revista Popular: Semanário de Ciência e Indústria</i>	1848-1855	?	20	960	18,5x25,5	16	Semanal	Gravura
<i>Época: Jornal de Indústria, Ciências, Literatura e Belas-Artes</i>	1848-1849	Lisboa	70	2880	21,5x28,9	16	Semanal	Gravura
<i>O Recreio Popular: Semanário Noticioso e Instrutivo</i>	1855-1856	Lisboa	10	500	14x21	8	Semanal	Gravura
<i>O Arquivo Familiar: Semanário Pitoresco</i>	1857-1861	Lisboa	20	1260	18x28,4	8	Semanal	Gravura
<i>Arquivo Pitoresco: Semanário Ilustrado</i>	1857-1868	Lisboa	50	2000	19,5x29,5	8	Semanal	Gravura

<i>Porto Elegante: Jornal de Literatura, Ciências, Belas-Artes e Moda</i>	1864	Porto	90	2000	18,1x25	8	Quinzenal	Gravura e litografia
<i>Ilustração Popular: Folha Destinada ao Recreio e Instrução</i>	1866-1868	Lisboa	30	960	23x32,5	4	Semanal	Gravura
<i>Arquivo Popular (apenas o volume 2 é ilustrado)</i>	1871-1874	Porto e Lisboa	30	1600	22,5x30	8	Semanal	Gravura
<i>O Universo Ilustrado: Semanário de Instrução e Recreio Publicado por Uma Sociedade</i>	1877 - 1887	Lisboa	30	1600	19,5x29	8	Semanal	Gravura
<i>Revista Popular de Conhecimentos Úteis</i>	1888-1892 + 1897	Lisboa	40	1500	19x28,3	8	Semanal	Gravura

Tabela 1 – Inventário de revistas enciclopédicas ilustradas publicadas em Portugal

Ao olhar-se para a tabela 1, a primeira consideração que pode estabelecer-se é a de que a primeira geração das revistas ilustradas perdurou quase até ao final do século XIX, datando de 1888 a última revista que claramente se pode inserir neste segmento histórico da imprensa ilustrada tendo perdurado até 1892 (há um número esporádico a aparecer, desgarrado, em 1897) – intitulava-se *Revista Popular de Conhecimentos Úteis*. O seu título é, todo ele, um documento aos fins e às reivindicações das revistas ilustradas enciclopédicas: tinha por objetivo derramar conhecimentos “úteis” sobre o povo. Afirmava-se, neste sentido, como uma revista “popular”.

*O Recreio: Jornal das Famílias* (1835-1842) foi a primeira publicação ilustrada portuguesa que se pode integrar no modelo de imprensa ilustrada enciclopédica, mas *O Panorama* (1837-1844; 1852-1858; 1866-1868), pelo impacto que teve (tiragem de cinco mil exemplares), foi a



revista que verdadeiramente inaugurou a imprensa ilustrada em Portugal e, igualmente, a primeira a recorrer abundantemente à gravura de madeira. A mais importante dentre elas, em circulação e longevidade, depois d'O *Panorama*, foi o *Arquivo Pitoresco: Semanário Ilustrado* (1857-1868), que sustentou, inclusivamente, uma escola de gravura.

A primeira das revistas ilustradas a intitular-se revista foi a *Revista Literária: Periódico de Literatura, Filosofia, Viagens, Ciências e Belas-Artes*, lançada em 1838. Interessante também é notar a quantidade de periódicos que se reivindicavam "populares", o que, à época, se conotaria com a ideia de uma publicação destinada à educação "popular", vendida a um preço "popular".

A tabela 1 documenta, igualmente, que a maioria das revistas ilustradas enciclopédicas portuguesas foi editada na capital, tendo, maioritariamente, adotado uma periodicidade semanal. A tabela evidencia, igualmente, que os preços das revistas, por número, oscilavam entre 20 e 60 réis, com exceção da luxuosa *Museu Pitoresco*, que custava 320 réis, e da primeira de todas, *O Recreio*, que custava 160 réis por número de 32 páginas (o número habitual de páginas das revistas ilustradas enciclopédicas era de 8 ou 16). A *Recreio Popular*, pelo contrário, custava somente 10 réis. Os preços dependiam, contudo, de fatores como o número de páginas, a sua dimensão, e o tipo e número de gravuras inseridas, mas, aparentemente, não dependiam do lugar de edição (revistas editadas no Porto e em Lisboa têm preços similares). Por exemplo, o *Museu Pitoresco* tinha uma dimensão superior a todas as outras revistas enciclopédicas. Outro exemplo: cada número d'O *Recreio Popular* tinha apenas 8 páginas e as suas dimensões eram inferiores às de todas as restantes revistas, o que justifica o seu reduzido preço de 10 réis. Por comparação, um diário político-noticioso custava, em 1847, mais ou menos a meio do século, 40 réis por número avulso<sup>1</sup>. Portanto, as revistas ilustradas enciclopédicas, com poucas exceções, custavam mais ou menos o que custava um jornal diário.

Atentando, especificamente, nas dimensões das páginas, é difícil apurar uma tendência explícita. No entanto, o *Arquivo Pitoresco*, a *Ilustração Popular* e *O Arquivo Popular* indiciam uma certa estabilização numa dimensão de página igual ou superior a 575 cm<sup>2</sup>. A dimensão da página seria, aliás, um elemento distintivo das revistas no seio da imprensa (as páginas dos diários, pelo contrário, tornaram-se cada vez maiores, com a introdução do formato *broadsheet*, ou *standard*, com cerca de 30 x 55 cm, e do grande formato, superior).

O fator preço não prejudicou nem beneficiou, aparentemente, a longevidade das revistas, talvez com exceção do *Museu Pitoresco*, claramente direcionado para uma elite que podia pagar mais caro por uma revista. Entre as revistas com preços equivalentes, algumas duraram vários anos enquanto outras foram menos longevas.

Dois tipos de ilustrações predominaram nas revistas ilustradas enciclopédicas portuguesas: a xilogravura e a litografia. A tabela 1 indica, porém, que nessas revistas a litografia foi praticamente abandonada em favor da gravura a partir do meio de Oitocentos. A partir do final

---

<sup>1</sup> Preço d'A *Revolução de Setembro*, principal diário português à época, em 1847.

da década de 1840 entrava-se já no período áureo da imprensa ilustrada com gravuras em madeira, que se prolongaria até à última década de oitocentos, altura em que a fotografia começou a impor-se como meio dileto de cobertura gráfica do mundo por parte da imprensa (curiosamente, a fotografia diretamente reproduzida não se afirmou na imprensa enciclopédica).

A opção pela xilogravura tornava o processo de produção e reprodução iconográfica mais rápido e económico, quando comparado com a litografia, mas as reproduções xilográficas tinham, normalmente, menor qualidade, apesar dos progressos verificados na xilogravura ao longo de Oitocentos.

As litografias, por seu turno, encareciam as revistas. Por isso, em certos casos, podiam ser vendidas e compradas em separado, já que, normalmente, eram encartadas nas publicações. Curiosamente, o tipo de reprodução iconográfica não parece ter tido reflexos relevantes no preço das revistas, talvez porque as revistas ilustradas com litografias publicavam, habitualmente, menos estampas do que as revistas ilustradas com gravuras.

### **A segunda geração de revistas gráficas portuguesas: as revistas ilustradas de transição**

O aparecimento das revistas ilustradas de atualidades em Portugal foi gradativo. Contaminadas pela importação de novas tendências jornalísticas que recolocavam a notícia no centro das preocupações jornalísticas e que alavancaram o ressurgimento de uma imprensa noticiosa em Portugal, várias revistas portuguesas foram combinando uma feição enciclopédica e recreativa, ou cultural e literária, com a abordagem textual e iconográfica de assuntos da atualidade. Assim, as revistas ilustradas de transição caracterizavam-se por somar conteúdos de atualidade, inicialmente apenas sob a forma de texto e, depois, de imagens, aos conteúdos de cultura geral e literários que caracterizavam as revistas ilustradas enciclopédicas e as revistas culturais e literárias ilustradas. Eram, pois, uma espécie de revistas híbridas que, apontando já para a atualidade, ainda apresentavam, predominantemente, conteúdos enciclopédicos, culturais e literários e recreativos, os mesmos que caracterizavam a geração anterior das revistas ilustradas. Mas essas revistas representam já um passo na direção das revistas ilustradas de atualidades, aliando uma leitura recreativa, cultural ou destinada à aquisição de conhecimentos gerais sobre o mundo (cultura geral) à difusão de algumas informações sobre assuntos de atualidade.

com o imperador Frederico III. Mas o sr. Garrett no seu *Ante de Gil Vicente* apresenta-nos com os amores *de João e de D. Maria*; ora este facto de episódios, e ainda assim resumido a acção em tres actos, que para ella já são de sobrejo. O auctor do Magriço prolonga a acção por cinco actos, e os episódios, em vez de a favorecerem, mostram completamente extranhos. A acção principal, o drama propriamente dito, reduz-se a tres scenas, não as scenas dos dois amantes do segundo, terceiro e quinto acto; tudo o mais são accessorios, pela maior parte deslocados e irrelevantes. A parte sentimental, o moler das paixões, o interesse, é fundado a um ponto feio, que desce tudo quanto ao drama podia haver de bom: a distancia que separa os dois amantes, o principio a que são sacrificadas aquelles duas almas, e uma quimera, que só existe na imaginação do auctor: D. João a podia dar uma sua filha bastarda a um nobre de Portugal; como a deu a um nobre de Inglaterra, como caso seu filho Affonso com a filha de D. Nuno Alvares Pereira. A mesma D. Maria no terceiro acto diz que não deve corresponder a paixão de Alvares, porque todos os cavalheiros da corte de seu pai tem igual merecimento, e que o rei não queria mostrar preferença por nenhum, dando-lhe sua filha: isto na bocca de uma mulher apaixonada é uma parábola? E não haveria uma razão de preferença, para Alvares, em cuja casa havia sido educada, como uma pobre orfã, a filha de D. João?

Se a acção em si é destituída de interesse, como se vê, a maneira porque é desenvolvida não a torna mais interessante. O dialogo é fraco, as scenas são feitas e sem animação, nos tres melhores dialogos do drama, os dos dois amantes, não dizem entre mais do que o que tem dito todos os seculares, que ha nos seus paizos e palcos scenicos. O delicia do Magriço no quinto acto é uma das mais mais gastas do teatro voluntariamente se apodera da alma do espectador a terrivel *luta de arena de morte*, de triste e ridiculo momento, e quando acontece contra o pai, mais interessante e mais nova. O quarto acto mais tem de comum com a acção do drama: é um episodio, que muito tem pouca utilidade para a continuação da acção do drama, suspendendo de proposito a curiosidade, para melhor excitar o interesse, ou tendo em vista outro qualquer fim, seríamos o primeiro a applaudir esse defecto, se é que é um defecto; mas nada, agora, a extranha digressão a lida dos nossos antigos alludidos mais nos faz perder o pouco interesse, que lemos na acção principal. Todo aquelle acto e o fim do terceiro, em que se reune a corte depois das excolecções, que tem feito a scena a guarda do rei são racionais (perdoem-nos a expressão) para *armar ao offeito*; mas não comosão tão negligencia da acção e do interesse do drama, que não podem agradar alli a gente senada, ainda que talvez servissem muito bem para *thema de uma dança de mr. Mathin*, ou para *thema de um baile de Salitre*. Os caracteres são vulgares a excepção de Simão Anão, que é o melhor do drama; mas é pena que falle tanta vez no seu frenho e que comedia ridiculo capitulo de ordenanças: isto no fim da época da cavallaria, mais seculo depois da batalla de Salado. O estilo é natural, e a linguagem, pela maior parte, correcta e não affectada.

Em resumo pois:  
O drama não tem grandes defeitos, nem pecca contra os preceitos essenciaes da arte; mas é um drama mediocre, e tem deficiencias em relação ás regras secundarias mais vulgares, que o tornam sem interesse dramático, nem effeito scenico.

A. S. SILVA.

#### THEATRO DE D. MARIA 2.

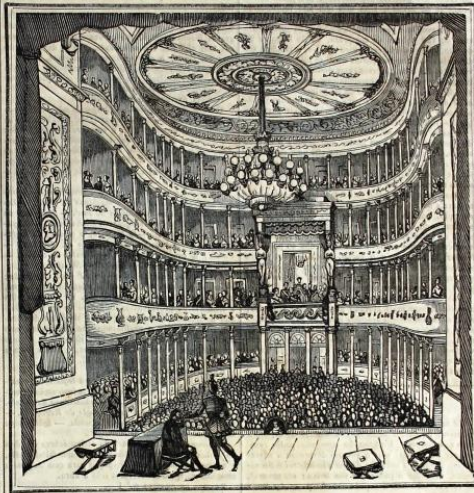
Vaiámos hoje a tratar do novo theatro do rio. — Que lhe chamam — *empico* —, ou — *agria* —, que lhe notem muitos defectos imaginarios, ou que exaggerem outros, que realmente tem, e que não careçam ser accentuados, não deixará aquella casa de ser uma novidade de primeira ordem no nosso paiz, e de produzir uma sensação muito, e muito agradável em quem pela primeira vez entrar n'ella.

Pela nossa parte, — fôrça é diz-la — entrámos alli com fortissimas prevenções contra o theatro, mas ca-

hiram todas perante a riqueza, e chistosa simplicidade que nos dámos em tudo quanto vimos.

As nossas assignações das provincias a quem não podemos convidar a ir vê-lo, e admirá-lo, offerecemos no estampo a perspectiva da sala do theatro tomada do palco por occasião da primeira representação do — *Magriço* —, e para que se não queixem do que nos

esquecem dar-lhes uma descripção do interior d'aquillo edificio com todas as medidas dos palcos de largura e de comprimento, reproduzimos aqui parte do que a este respeito se publicou na Revista Universal Lisbonense de 21 d'agosto do anno pasado. Começamos pela entrada geral para o salão ou atrio, a qual dá para o largo chamado de Camões.



«O vestibulo da praça de Camões tem tres grandes portas por onde se entra n'um salão, ou antes atrio de 45 palmos de largura e 73 1/2 no seu maior comprimento, ornado de columnas doricadas. Da parte direita está a casa para a venda de bilhetes e camarotes, a lotequim com todas as suas officinas, e uma escada para seu serviço, que conduz a diferentes ordens de camarotes; da parte esquerda está a entrada particular de suas magestades para a tribuna, com porta independente debaixo da arcada do vestibulo, e uma escada de 8 palmos de largura; debaixo d'esta escada está a casa para guardar as bengalas, etc. Na frente d'este salão, ou atrio, ha 3 portas por onde se entra para uma especie de corredor de 16 palmos de largura e 78 1/2 de comprimento. Ha n'este corredor 7 portas, 3 que correspondem ás da sala, por onde se entra para a platá e corredores hieras, e 2 nas extremidades para duas casas, uma destinada para a guarda, e outra para os criados dos espectadores; ambas estas casas ficam debaixo das escadas que conduzem aos diferentes pavimentos do edificio, collocadas nas duas extremidades d'este corredor.»

«A platá tem 70 palmos de comprimento e 60 de largura, as galerias e camarotes 10 palmos de fundo, e os camarotes 7 palmos de parapeto; em todas as ordens os camarotes de bocca tem 9 palmos de frente, com uma sala e um retrete juntos. O camarote particular de suas magestades tem uma entrada privativa pelo vestibulo da praça de D. Pedro. Este camarote tem junto uma sala de 37 palmos de comprimento e 17 de largura, seu gabinete de 17 1/2 palmos de comprimento e 12 de largura, uma côpa, um retrete, e um corredor de passagem de 25 palmos de comprimento e 9 de largo.»

«O palco tem 102 1/2 palmos de fundo e 88 de largo, e a bocca d'opera 52 palmos de largo e 49 de alto, junto a bocca d'opera, no interior do palco e de ambos

os lados, ha duas passagens de comunicação para a caixa, uma entre a sala destinada para o director do theatro, que tem um gabinete junto do logar onde terminam as galerias, e immediato á casa de remissão dos artistas, *(loger)*; e a outra, que fica ao lado do puto do *regador*, para entrada particular dos artistas. Ao pé da bocca d'opera ha tambem 2 camarotes para os actores mudarem de vestuario; e dentro do vão da bocca d'opera ha escadas para serviço dos machinistas.»

«Em volta do palco fôrça-se casa para a iluminação, e para arreedação dos basidores. 18 ou 20 camarotes para a companhia, gabinete para a direcção, galerias para se vestirem os companhas de ambos os sexos, escudo para serviço de adereços e vestuario, e latrinas separadas para os dois sexos, em todos os pavimentos.»

«Todos os corredores tem 11 palmos de largura; os do primeiro pavimento tem 15 1/2 palmos de altura, os dos outros pavimentos, e ultima ordem de galerias 11 1/2. Nos planos de ambos os lados destes corredores, em todas as ordens de camarotes e galerias, ha uma casa para passageiro *(loger)* de figura exagona, e um retrete para senhoras, e dois para homens. Estes corredores todos vão dar a salas de 30 palmos de comprimento e 16 de largo, ao meio do edificio para a praça de D. Pedro.»

«O segundo pavimento tem um salão por cima do atrio de 73 1/2 palmos de comprimento e 45 de largo, ornado de duas ordens de columnetas, que formam duas grandes galerias que declinam para as diferentes ordens de camarotes, ficando assim este salão sendo uma parte indissociavel volte-lo no tratado d'elles.»

«A tribuna real tem 21 palmos de frente e 13 1/2 de fundo, e tem junto uma sala de respeito de 46 palmos de comprimento e 16 de largo, outra sala de 28 palmos de comprimento e 21 de largo, um vestibulo, uma côpa, e um retrete.»

Figura 2 – A segunda geração das revistas ilustradas começou a cobrir graficamente os acontecimentos atuais. O exemplo regista uma notícia gráfico-verbal sobre o espetáculo de estreia de uma nova peça no teatro D. Maria II, em Lisboa, mostrando um momento do acontecimento. (*A Ilustração – Jornal Universal*, vol. II, n.º 2, maio de 1846, p. 19)

A tabela 2 enumera as principais revistas ilustradas portuguesas classificadas como sendo “de transição” identificadas no decurso desta pesquisa.

Título	Período	Local	Preço (inicial)		Dimensões	Páginas	Periodicidade	Ilustração
			Exemplar	Assinatura anual				
A <i>Ilustração:</i> <i>Jornal Universal</i>	1845- 1846	Lisboa	30	1440	27,5x37	16	Mensal	Gravura
A <i>Ilustração:</i>	1852	Lisboa	80	1440	20x31	8	Quinzenal	Gravura

<i>Periódico Universal</i>								
<i>A Ilustração Luso-Brasileira: Jornal Universal</i>	1856-1859	Lisboa	120	3600	27x39	8	Semanal	Gravura
<i>Ilustração Portuguesa [1ª revista]</i>	1884-1890	Lisboa	30	1560	21x31	8	Semanal	Gravura
<i>A Imprensa: Revista Científica, Literária e Artística</i>	1885-1891	Lisboa	40	720	22,5x32,5	8	Quinzenal	Gravura
<i>Revista Ilustrada</i>	1890-1892	Lisboa	120	2880	28x37,5	12	Quinzenal	Gravura Fotografia
<i>Revista Moderna: Magazine Ilustrado</i>	1895-1897	Lisboa	80	3200	17,5x24,1	12	Semanal	Gravura Fotografia
<i>Branco e Negro: Semanário Ilustrado</i>	1896-1898	Lisboa	40	2200	20x29	16	Semanal	Gravura Fotografia
<i>Gazeta Ilustrada</i>	1901	Coimbra	50	2080	24x33	8	Semanal	Gravura Fotografia
<i>Serões</i>	1901-1911	Lisboa	200	2200	23,3x16,1	80	Mensal	Fotografia
<i>Passatempo</i>	1901-1904	Lisboa	30	1000	18x23,5	16	Quinzenal	Fotografia

Tabela 2 – Inventário das revistas ilustradas de transição publicadas em Portugal

A análise da tabela 2 demonstra que as revistas ilustradas que, mesmo não se focando na cobertura gráfica dos acontecimentos da atualidade, já apontavam para este caminho, perduraram, em Portugal, durante a segunda metade do século XIX, até ao final da primeira década do século XX.

A primeira das revistas ilustradas portuguesa que se pode considerar como sendo de transição para as revistas ilustradas de atualidades, já que prestava alguma atenção gráfica à atualidade, foi *A Ilustração: Jornal Universal*, fundada em 1845 (1845-1846). Foi sucedida pela *A Ilustração: Periódico Universal*, em 1852, pela *A Ilustração Luso-Brasileira: Jornal Universal* (1856-1859) e por outras publicações que se podem enquadrar no mesmo modelo cultural e literário temperado pela cobertura gráfica da atualidade, como a primeira revista intitulada *A Ilustração Portuguesa* (1884-1890), a *Branco e Negro* (1896-1898) e a *Serões* (1901-1911). A última identificada no decorrer desta investigação foi a revista *Passatempo* (1901-1904). A coimbrã *Gazeta Ilustrada*, de 1901, foi a única publicada fora de Lisboa.

Apesar dos títulos, essas publicações eram pouco ilustradas e, sobretudo, pouco centradas na atualidade. Seguiam, na verdade, um modelo híbrido, entre as revistas ilustradas de “conhecimentos úteis”, de recreio, de cultura e de literatura, como *O Panorama*, e as revistas ilustradas de atualidades, o que, paradoxalmente, as aproximava do modelo híbrido – e de grande sucesso – das revistas familiares alemãs, como a *Die Gartenlaube – Illustriertes Familienblatt*. Eram, pois, mais revistas de amenidades e de recreio do que de atualidades.

A tabela 2 revela, ademais, que a reprodução direta de fotografias na imprensa começou, em Portugal, nesta segunda geração de revistas ilustradas, com o pioneirismo a pertencer à *Revista Ilustrada*, em 1890.

Documenta também a tabela 2 que entre as revistas ilustradas de transição não existiu uma tendência clara para a adoção de um formato, nem para a inclusão de um número determinado de páginas, nem sequer para uma política de preço, mas estas revistas tiveram, normalmente, páginas de dimensão superior às da primeira geração, apresentando, nos casos de *A Ilustração: Jornal Universal* e da *Revista Ilustrada*, superfícies superiores a 1000 cm<sup>2</sup>.

A periodicidade mais frequente entre estas revistas foi a semanal, mas também houve revistas quinzenais e mensais.

### **A terceira geração de revistas gráficas portuguesas: as revistas ilustradas de atualidades**

Com o tempo, as revistas ilustradas portuguesas começaram a dar uma atenção crescente à cobertura gráfica dos assuntos da atualidade, usando gravura e fotografia. No último quartel do século XIX, essa tendência acentuou-se. Revistas como *O Ocidente*, de 1878, sem renegarem uma matriz cultural e literária, começaram a consagrar um espaço crescente à cobertura gráfica dos acontecimentos do quotidiano.

As revistas ilustradas de atualidades beneficiaram do aprimoramento e da expansão das tecnologias da gravura, da fotografia e da impressão, bem como da nova organização empresarial da imprensa jornalística e das experiências estrangeiras. Nessas revistas, conforme se pode notar pelos dados da tabela 3, a fotografia foi substituindo a gravura como meio dileto de expressão iconográfica. Sendo a fotografia uma linguagem universalmente reconhecível, as revistas ilustradas de atualidades, responsáveis pela consolidação do fotojornalismo, satisfizeram um mercado leitor que ansiava por “ver o mundo tal qual ele era e

o que nele acontecia” e contribuíram para revolucionar o setor ainda durante o século XIX (Bacot, 2005).



A ACCLAMAÇÃO



O JURAMENTO DE EL-REI D. CARLOS I NO PARLAMENTO  
(Desenho de L. Freire)



VISITA DE SUA MAJESTADE A RAINHA D. AMÉLIA AO HOSPITAL DE CARIÓTIPO DE 222 2.º QUARTO LESTE, A DISTRIBUIÇÃO DE BRINQUEDOS ÀS CRIANÇAS EM TRATAMENTO DO MEDO NASCIMENTO

Figura 3 – *O Ocidente* e a *Ilustração Portuguesa*, duas das revistas ilustradas portuguesas que colocaram o quotidiano na sua lista de preocupações. Note-se a atenção gráfica aos acontecimentos da atualidade nas capas (aclamação do rei D. Carlos, na capa d’*O Ocidente*; visita da rainha D. Amélia a um hospital infantil para tuberculosos na capa da *Ilustração Portuguesa*). (*O Ocidente*, vol. XIII, n.º 398, 11 de janeiro de 1890, p. 9; *A Ilustração Portuguesa*, Ano 1, n.º 1, 9 de novembro de 1903, p. 1).

A tabela 3 elenca as principais revistas ilustradas de atualidades encontradas durante a presente investigação.

Título	Período	Local	Preço (inicial)		Dimensões	Páginas	Periodicidade	Ilustração
			Exemplar	Assinatura anual				
<i>O Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e</i>	1878-1915	Lisboa	120	2600	24,5x35,5	8	Quinzenal (passou, depois, a trimestral)	Gravura Foto- grafia

<i>Estrangeiro</i>								
<i>Ilustração Universal: Revista dos Principais Acontecimentos de Portugal e do Estrangeiro</i>	1884-1885	Lisboa	120	4500	27,7x31,5	8	Semanal	Gravura
<i>Brasil-Portugal</i>	1899-1914	Lisboa	400	7000	24x35	20	Quinzenal	Fotografia
<i>Ilustração Portuguesa</i> [2ª revista]	1903-1923	Lisboa	160	8000	29x39,5 [18,7x28,1 na segunda série]	16	Semanal	Fotografia
<i>ABC – Revista Portuguesa</i>	1920-1931	Lisboa	300 [\$30]	12000 [12\$00]	21,5x30,5	32	Semanal	Fotografia
<i>A Ilustração</i>	1926-1939	Lisboa	4000 [4\$00]	84000 [84\$00]	24x33,5	40	Quinzenal	Fotografia
<i>Notícias Ilustrado</i>	1928-1935	Lisboa	1500 [1\$50]	70000 [70\$00]	24x34,5	24	Semanal	Fotografia

**Tabela 3** – Inventário de revistas ilustradas de atualidades publicadas em Portugal

A primeira revista ilustrada portuguesa a centrar-se na cobertura gráfica dos acontecimentos e assuntos da atualidade foi *O Ocidente* (1878-1915), logo em 1878. Embora cultivando uma matriz cultural e literária, essa revista foi dando progressivo espaço aos assuntos do quotidiano, certamente estimulada pela concorrência das suas congéneres *Ilustração Universal* (1884-1885), *Brasil-Portugal* (1899-1914) e, principalmente, da *Ilustração Portuguesa* (1903-1923) – a revista que consagrou, em definitivo, o fotojornalismo em Portugal, graças ao contributo de Joshua Benoliel, Arnaldo Garcês e de outros pioneiros da fotografia jornalística no país. Essas revistas abriram o caminho e sugeriram um padrão editorial às revistas gráficas de atualidades posteriores, como a *ABC* (1920-1931), *A Ilustração* (1926-1939) e, principalmente, o *Notícias Ilustrado* (1928-1935), da empresa do *Diário de Notícias*. Esta última publicação, modernista, já aponta para um modelo mais evoluído de revista de fotojornalismo.

Entre as revistas ilustradas de atualidades portuguesas, a *Ilustração Portuguesa* é a mais conhecida, talvez porque circulou durante um período complexo e instável, mas atraente, da

história de Portugal – a transição da Monarquia para a República. A *Ilustração Portuguesa* foi o principal repositório iconográfico sobre a vida em Portugal durante a I República.

As revistas ilustradas de atualidades portuguesas lançaram os alicerces para o surgimento das publicações que, vivendo do fotojornalismo, acompanharam o século XX no país até aos anos setenta, casos, por exemplo, da *Flama*, de 1937, e d'*O Século Ilustrado*, de 1938.

A evolução dos preços nas revistas ilustradas de atualidades, observada na tabela 3, ter-se-á devido mais à evolução da conjuntura económica portuguesa no período 1890-1926, marcada pela inflação, do que a fatores intrínsecos. Note-se que nunca compensava comprar os números avulso – a assinatura era substancialmente mais vantajosa e terá constituído, provavelmente, o instrumento privilegiado de compra.

As dimensões das páginas das revistas ilustradas de atualidades também foram relativamente constantes, oscilando em torno dos 1000 cm<sup>2</sup>, sobretudo caso se exclua o formato mais reduzido da segunda série da *Ilustração Portuguesa*, cuja adoção se poderá ter devido à necessidade de poupança de papel, inclusivamente para embaratecer o preço da revista e controlar melhor os custos de produção. Mas uma maior dimensão das páginas permitia a inserção de imagens de maiores dimensões, mais impactantes no leitor; e permitia, também, outros jogos compositivos no design.

A tabela 3 documenta, finalmente, que a periodicidade não foi idêntica entre as revistas ilustradas de atualidades, havendo algumas quinzenais e outras semanais (*O Ocidente*, de quinzenal, passou a trimensal, saindo de dez em dez dias), opção que poderá dever-se à ponderação, pelos editores, do tempo que demorariam, contabilizando os recursos disponíveis, a apresentar um novo número da sua revista.

## **Conclusões**

A investigação que aqui se apresenta visou inventariar e caracterizar formalmente as revistas ilustradas portuguesas publicadas durante o primeiro século da sua existência (1835-1935), agrupando-as em segmentos cronológicos determinados pelos padrões discursivos que exibiram. Partiu-se da hipótese genérica e agregadora de que a história das revistas ilustradas portuguesas replicou, na periodização e nos modelos, a história e o tipo de discurso da imprensa ilustrada dos países pioneiros neste segmento de imprensa, Inglaterra e França (cf. Bacot, 2005), que, historicamente, são países próximos e influentes em Portugal.

Os dados obtidos confirmam a hipótese de que em Portugal houve três gerações de revistas ilustradas entre 1835 e 1935, podendo dizer-se que o país acompanhou os estádios de desenvolvimento que estas revistas tiveram nos principais países europeus: (1) uma primeira geração, de carácter enciclopédico, surgida na década de 1830; (2) uma geração de transição, caracterizada pela incorporação de informação iconográfica sobre acontecimentos da atualidade, logo na década de 1840; e (3) uma terceira geração, cuja identidade radicou na explosão da cobertura gráfica dos acontecimentos da atualidade, por meio de xilografuras, primeiro, e de fotografias, depois, surgida no último quartel do século XIX. Intuiu-se, também, que as revistas ilustradas foram dispositivos relevantes no desenvolvimento da imprensa



jornalística ao longo do século XIX e no início do século XX, já que (a) contribuíram para a solidificação do modelo *revista*, que daria origem à *newsmagazine*, e (b) abriram o jornalismo a novos géneros e formatos informativos (noticiosos ou documentais), ancorados na imagem. A periodização a que esta investigação chegou demonstra, igualmente, que a história do jornalismo é um processo evolutivo, mas complexo e não linear. Nas revistas ilustradas, as publicações mais recentes tendem a incorporar vestígios das publicações do passado. A última geração de revistas ilustradas determinada no correr desta investigação – a geração das revistas ilustradas de atualidades – resultou de um processo de amadurecimento em cuja base esteve a descoberta das potencialidades descritivas e narrativas, e até mesmo argumentativas, das ilustrações pelas revistas ilustradas enciclopédicas que inauguraram a era da imprensa ilustrada.

### **Bibliografia**

- BACOT, J.-P. (2005) : *La Presse Illustrée au XIXe Siècle. Une Histoire Oubliée*, Limoges, Presses Universitaires de Limoges.
- FLINT, K. (2000) : *The Victorians and the Visual Imagination*, Cambridge, Cambridge University Press.
- HOGART, P. (1967): *The Artist as Reporter*, New York, Studio Vista/Reinhold.
- MARTIN, M. (2006): *Images at War. Illustrated Periodicals and Constructed Nations*, Toronto, University of Toronto Press.
- RIBEIRO, A. M. (2014): *O Museu de Imagens na Imprensa do Romantismo. Património Arquitetónico e Artístico nas Ilustrações e Textos do Archivo Pittoresco (1857-1868)*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- SILVA, J. L. R. O. (2014): *O Panorama. Jornalismo e Ilustração em Portugal na 1ª Metade do Século XIX*, Covilhã, Livros LabCom/Universidade da Beira Interior.
- SOUSA, J. P. *et al.* (2014): The Portuguese press during the Monarchy: From its Origins to 1910. In: SOUSA, J. P., LIMA, H., BARBOSA, M. & A. HOHLFELDT (Eds.), *A History of the Press in the Portuguese-Speaking Countries*, Lisboa: Media XXI: 11-112.
- TENGARRINHA, J. (1989): *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. 2ª edição, Lisboa, Caminho.
- TENGARRINHA, J. (2013): *Nova História da Imprensa Portuguesa. Das Origens a 1865*, Lisboa, Círculo de Leitores.